



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

ENTRE AUSÊNCIAS E PRESENCAS: mulheres negras no Roda Viva

ENTRE AUSENCIAS Y PRESENCIAS: las mujeres negras en el programa
Roda Viva

BETWEEN ABSENCES AND PRESENCES: black women in the Roda Viva
Show

Paula Fernanda Oliveira Souza
Universidade do Estado de Minas Gerais
paula.historiando@gmail.com

Cirlene Cristina de Sousa
Universidade do Estado de Minas Gerais
cirlene.sousa@uemg.br

Diego Lopes da Cruz
Universidade do Estado de Minas Gerais
diegolopes25@gmail.com

Resumo: Como parte da dissertação de mestrado, intitulada “Djamila Ribeiro no programa Roda Viva: racializando a ciência na partilha de saberes”, o presente artigo traz como temática “a relação televisão e mulheres negras” e como problemática “a participação de mulheres negras no programa Roda Viva da TV Cultura”. Para tanto, analisou-se um quadro histórico sobre a presença de mulheres negras neste programa. Tal quadro foi organizado em dois recortes, a saber: o primeiro denominado “Tempo das Ausências”, contexto dos anos de 1980 e 1990. O segundo denominado “Tempo das Presenças”, contexto das décadas de 2000 a 2020. Após análise do material coletado, observou-se que na década 1980 nenhuma mulher negra foi convidada a ocupar o centro do Roda Viva, na década de 1990 foram duas mulheres e na década de 2000 foram entrevistadas 29 mulheres negras. No papel de entrevistadoras, a maior participação dessas mulheres foi no ano de 2020. Como mediadoras, não houve a participação de nenhuma mulher negra. Nesse sentido, conclui-se que a participação das mulheres negras no Roda Viva é pequena em relação aos demais participantes, quais sejam: homens brancos (maioria), mulheres brancas e homens negros. Porém, ao se fazerem presentes nessa mídia televisiva, as mulheres negras produzem aí rasuras via histórias, ancestralidades, lutas e saberes do povo negro, transgredindo a veia colonial da TV brasileira.

Palavras-chave: Mulheres negras. Roda Viva. Insurgências.



Resumen: Como parte de la disertación de maestría, titulada “Djamila Ribeiro sobre el programa Roda Viva: racializando la ciencia en el intercambio de conocimientos”, este artículo aborda como tema “la relación entre la televisión y las mujeres negras” y como problema “la participación de las mujeres negras en el programa Roda Viva de TV Cultura”. Para ello, se analizó un marco histórico respecto a la presencia de mujeres negras en este programa. Este marco se organizó en dos secciones, a saber: la primera denominada “Tiempo de Ausencias”, contexto de las décadas de 1980 y 1990. La segunda denominada “Tiempo de Presencias”, contexto de las décadas de 2000 a 2020. Después del análisis del material recopilado, se observó que en la década de 1980 ninguna mujer negra fue invitada a ocupar el centro de Roda Viva, en la década de 1990 fueron dos mujeres y en la década de 2000 se entrevistaron a 29 mujeres negras. En el rol de entrevistadoras, la mayor participación de estas mujeres fue en 2020. Como mediadoras, no hubo participación de ninguna mujer negra. En este sentido, se concluye que la participación de mujeres negras en Roda Viva es pequeña en relación a los demás participantes, a saber: hombres blancos (mayoría), mujeres blancas y hombres negros. Sin embargo, al hacerse presentes en este medio televisivo, las mujeres negras producen borrados a través de historias, ancestralidades, luchas y conocimientos de los negros, transgrediendo la vena colonial de la televisión brasileña.

Palabras clave: Mujeres negras. Roda Viva. Insurgencias

Abstract: As part of the master's dissertation, entitled “Djamila Ribeiro on the Roda Viva program: racializing science in the sharing of knowledge”, this article addresses as its theme “the relationship between television and black women” and as its problematic “the participation of black women in the Roda Viva program on TV Cultura”. To this end, a historical framework on the presence of black women in this program was analyzed. This framework was organized into two sections, namely: the first called “Time of Absences”, context of the 1980s and 1990s. The second called “Time of Presences”, context of the decades from 2000 to 2020. After analyzing the collected material, it was observed that in the 1980s no black woman was invited to occupy the center of Roda Viva, in the 1990s there were two women and in the 2000s 29 black women were interviewed. In the role of interviewers, these women participated most in 2020. As mediators, there was no participation of any black women. In this sense, it is concluded that the participation of black women in Roda Viva is small in relation to the other participants, namely: white men (majority), white women and black men. However, by being present in this television media, black women produce erasures through stories, ancestries, struggles and knowledge of black people, transgressing the colonial vein of Brazilian TV.

Keywords: Black Women. Roda Viva. Insurgences.

Introdução

Ao longo dos tempos, os estudiosos das relações étnico-raciais têm problematizado o processo de invisibilidade impostos às pessoas negras nas diversas instituições da sociedade brasileira, a saber: a universidade, a escola, a mídia, a política, a economia, a religião, entre outras. Neste artigo, indagamos sobre essas invisibilidades a partir de interpretações da relação entre mídia televisiva e mulheres negras, mais especificamente, sobre ausências e presenças dessas mulheres no programa Roda Viva. Essas indagações fazem parte da dissertação de mestrado, intitulada: “Djamila Ribeiro no programa Roda Viva: racializando a ciência na partilha de saberes”, defendida no ano de 2024.



Partimos da premissa de Nilma Lino Gomes (2017), a saber: o movimento das pessoas negras é produtor de “saberes emancipatórios” e um dos sistematizadores de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Para essa análise, utilizamos o quadro histórico – Participação negra no Roda Viva¹. Por meio deste quadro foi possível acessar o nome das personalidades convidadas, áreas de conhecimento representadas, anos de participação no programa e a temática central da entrevista de cada personalidade².

Ao analisarmos o material coletado, observamos que há dois momentos neste programa no que tange as entrevistas com mulheres negras. O primeiro momento, intitulado “Tempo de ausências”, trata-se do marco temporal das décadas de 1980 e 1990. Nestas décadas, notamos que há processos de invisibilidades e de silenciamentos das mulheres negras. O segundo momento, intitulado “Tempo de presenças”, essas mulheres ganham maior visibilidade a partir dos anos 2000, mais fortemente, a partir de 2021. Com estes recortes, fica evidenciado que a presença feminina negra é infinitamente pequena em relação à participação de homens brancos (a grande maioria), de mulheres brancas e de homens negros. A presença destes últimos, na história do Roda Viva, é inferior à participação das mulheres brancas. A problematização desse processo de invisibilidades e presenças é o foco central do nosso debate.

Em relação ao primeiro momento – “Tempo de ausências” – embasamo-nos nas teorias da Pedagogia da ausência de Nilma Lino Gomes (2017) e no Princípio da ausência de Grada Kilomba (2020). Se para Gomes (2017, p.40), “a ausência não é mera obra do acaso”, para Kilomba (2020, p.12) “algo que existe é tornado ausente [...], e por isso, deixa de ter uma existência real”. Lendo tais autoras, compreendemos a urgência de uma reflexão em torno da tríade raça, gênero e televisão, já que a mídia televisiva é uma ambiência de comunicação importante das nossas vivências sociais, políticas, identitárias e relacionais. Como dispositivo de comunicação, a televisão se coloca como um lugar de leitura das vidas e dos cotidianos humanos, com suas contradições e suas possibilidades.

Nesse sentido, tecemos o pressuposto de que se há privilégio ou preferência pelas personalidades brancas e do sexo masculino na história do Roda Viva, há aí reprodução e/ou mesmo perpetuação das velhas violências coloniais, como as de raça e de gênero. Como destaca Missiatto (2021, p.258), “a arte do apagamento de memórias é uma atividade que, no Brasil, é recorrente desde a colonização, em outras palavras: impor o esquecimento é uma prática já muito bem sedimentada no país e foi determinada por grupos que ocuparam e ocupam as tradicionais posições de privilégios”.

¹ Este documento foi retirado da dissertação anteriormente citada.

² Informações completas com dados dos sites “Memória Roda Viva” (<https://rodaviva.fapesp.br/>) e TV cultura (<https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>).



Porém, notamos que as pessoas negras têm produzido insurgências e rasuras em ambiências midiáticas como a televisiva. Entendemos essas rasuras a partir de Rufino e Simas (2018), os quais destacam que numa sociedade de base colonial, rasurar é um processo, um trabalho de “ponto riscado, amarração, um emaranhado de símbolos imbricados que enigmatizam e ressignificam os sentidos. A rasura praticada invoca os princípios assentes nas dimensões do inacabamento e da imprevisibilidade, vindo a produzir efeitos de encantamento” (2018, p.15). Sendo um movimento de risco, o rasurar tem como pretensão desnaturalizar, problematizar uma determinada situação humana, no caso do presente artigo, a dimensão da ausência e da presença de mulheres negras em espaços midiáticos televisivos (cf. Sousa; Souza; Cruz, 2023).

Seguindo a ideia de rasura de Simas e Rufino (2018), podemos dizer que se nos propormos a rasurar os privilégios coloniais, seremos capazes de compreender que “somos orientados por aqueles que na escassez, na ausência e na interdição inventaram possibilidades” (2018, p.13). Assim, mesmo que durante décadas, a ausência de mulheres negras tenha se colocado como uma realidade na televisão brasileira, nos últimos anos essas mulheres vêm produzindo modos de rasurar essa instituição midiática, transformando ausências em presenças. Presenças insurgentes, as quais advém de uma “disputa” por respeito, visibilidades e por entendimentos raciais. Via tais presenças se abrem frestas, quais sejam: ancestralidades, intelectualidades e as encruzilhadas do viver³ que essas mulheres negras e seus coletivos de lutas aprenderam a construir ao longo da história do Brasil.

Assim, problematizar a ausência das mulheres negras nos espaços midiáticos, como o Roda Viva, é compreender as insurgências das presenças femininas negras, na mídia televisiva, como desaforos⁴ à colonialidade ainda circulante em nossa sociedade. Olhando para os 39 anos de história do programa Roda Viva, evidenciamos a problemática do racismo midiático e nele vários riscos, tais como: os rompimentos por parte das mulheres negras com os discursos universalistas televisivos (como o ser mulher) e a criação de pequenos contragolpes à produção de epistemicídios próprios das indústrias culturais midiáticas, que notavelmente, repetem velhas opressões do Brasil Colônia, como a opressão racial. Um desses contragolpes que podemos citar é a pluralidade de áreas de conhecimento que chegam com essas mulheres ao Roda Viva. Elas chegam nesta ambiência midiática, que por anos silenciaram seus

³ As encruzilhadas são campos de possibilidades teórico-metodológicas cunhadas por Luiz Rufino capaz de rasurar, reinventar e transgredir à lógica eurocêntrica colonial. A partir das encruzilhadas, reivindica-se todo e qualquer saber produzido das mais diferentes formas de experiência humana.

⁴ Nas obras de Luiz Rufino, o termo desaforos pode ser entendido como transgressão, subversão.



conhecimentos, como musicistas, filósofas, literatas, jornalistas, empresárias, benzedeiras, atrizes, professoras, intelectuais, médicas, deixando aí os riscos, as rasuras de suas negritudes.

Para darmos conta da complexidade desses contragolpes, na história do programa Roda Viva, vinculamos nossa indagação às metodologias de natureza qualitativa, com um trabalho de cunho teórico e documental. Em termos teóricos, utilizamos conceitos advindos da literatura científica das áreas da Educação, Estudos das Relações Étnico-raciais, Comunicação, Ciências Sociais, Antropologia, a partir da perspectiva decolonial. Em termos documentais, utilizamos o quadro histórico sobre a participação de pessoas negras no programa Roda Viva e de transcrições de entrevistas. Com esse material em mãos, procuramos compreender de forma aprofundada os sentidos das ausências e das presenças de mulheres negras ao longo da história do Roda Viva.

O artigo está dividido em três partes, a saber: na primeira parte, apresentamos uma breve caracterização do programa Roda Viva. Na segunda parte, discutimos a ausência das mulheres negras nesse programa, nas décadas de 1980 e 1990, a partir das reflexões da “Pedagogia da ausência” de Gomes (2017) e do “Princípio da ausência” de Kilomba (2020); na terceira parte, discutimos as insurgências e presenças das mulheres negras, no Roda Viva, a partir dos anos 2000. E, por fim, traçamos breves considerações.

O programa Roda Viva

Antes de caracterizarmos o programa Roda Viva, é preciso destacarmos que entendemos o conceito de televisão a partir de Arlindo Machado. Para este autor, a televisão pode ser abordada a partir de duas perspectivas: na primeira, ela é tomada como um meio de comunicação de massa, impactando a vida social moderna; a segunda, a televisão pode ser compreendida como dispositivo audiovisual através do qual a sociedade visibiliza descobertas, inquietações, anseios e conflitos. No dizer de Machado, “a televisão é e será aquilo que nós fizemos dela” (2000, p. 12).

Nesse sentido, ela é um complexo de projetos institucionais, culturais, sociais e, claro, capitalistas. Em seu livro: *A televisão levada a sério*, Machado define televisão como

um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas



emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público. Para falar de televisão, é preciso definir o corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de televisão (Machado, 2000, p. 19-20).

Seguindo essa definição de Arlindo Machado, recortamos para análise o programa Roda Viva da TV Cultura. No ar desde setembro de 1986, esse programa é apresentado todas as segundas-feiras, às 22 h⁵, sendo transmitido simultaneamente pela TV, Facebook, Twitter e YouTube. Além do próprio site da TV cultura e do aplicativo que pode ser baixado em celular. Programa de entrevista de maior duração da televisão brasileira, completará em setembro de 2025, 39 anos de duração, sem interrupção. Ao longo desses anos foram entrevistadas mais de 2000 personalidades. As entrevistas desse programa são documentos relevantes para o debate de uma agenda nas áreas da educação, política, esporte, economia, social, científica e tecnológica, entre outras.

Além disso, o programa Roda Viva carrega suas singularidades como gênero e formato midiático. Quanto a essa dupla, gêneros e formatos, sabe-se que entre os pesquisadores de televisão existe um intenso debate relacionado à singularidade do objeto televisão. No caso do programa Roda Viva, ele pode ser definido como gênero que mescla entrevista, debate jornalístico e mídia. Para Braga (2007), a inscrição do Roda Viva, no gênero básico entrevista, inclui uma processualidade de debate devido “à variedade de pontos de vista dos entrevistadores e ao fato de que estes podem polemizar com o entrevistado. Além disso, os temas focalizados são tais que solicitam interpretações do gênero, entrevista e debate, o programa elabora seu formato” (Braga, 2007, p. 98).

Posto essa caracterização do Roda Viva, a seguir faremos notar que a reflexão sobre a relação entre mulheres negras e mídia é necessária para avançarmos rumo à democratização da comunicação midiática, bem como problematizar as lacunas provocadas pela interseccionalidade entre raça, gênero, classe e mídia. Nesse sentido, no próximo item trataremos do item “Ausências” das mulheres negras no programa Roda Viva.

Ausências?

Sabemos que durante séculos foi negado às mulheres negras o direito de contar suas próprias histórias enquanto sujeitas. No panorama geral, livros de

⁵ O que variou ao longo do tempo foi o horário de exibição: inicialmente o programa ia ao ar às 21h20 min. Durante o período analisado, o Roda Viva entrava em cena das 22h10min às 23h40min. Ainda assim, a opção pela faixa horária do fim da noite se mantém estável ao longo do tempo.



história, mídias, religiões, entre outras instituições sociais trazem a perspectiva do homem, branco, cristão, europeu colonizador, refletindo sobre uma sociedade estruturada a partir do colonialismo, do patriarcalismo, do machismo, do sexismo e do racismo que relegou os/as sujeitos/as outros/as à condição de subalternizados. Nesse sentido, é sempre um desafio pensar a temática da relação mulher negra e instituições sociais brasileiras. Diante desse desafio, várias intelectuais negras destacam a interseccionalidade como uma ferramenta analítica fundamental para rasurarmos esses vínculos institucionais colonizados da sociedade brasileira. Via a interseccionalidade, pode-se problematizar as opressões incididas sobre estas sujeitas.

Para aprofundarmos essa relação de opressões, apropriamo-nos do conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002) e de Carla Akotirene (2019) e do conceito de “superposição de opressões” de Piscitelli (2009). Esses conceitos nos ajudaram a interpretar os sentidos das ausências e das presenças de mulheres negras no Roda Viva. De forma geral, “as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Assim, compreender a noção de ‘interação’ entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de “superposição de opressões” (Piscitelli, 2009, p. 135).

Prosseguindo com esse debate, Carla Akotirene (2019) destaca que o conceito de interseccionalidade pode ser destacado como: “uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (Akotirene, 2019, p. 14).

A partir dessa dimensão da interseccionalidade, apresentamos de forma mais precisa a categoria que compõe o centro da nossa discussão, qual seja: as mulheres negras. Começamos pela obra: “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir (1980). Para essa autora, a mulher não é pensada a partir de si mesma, mas em comparação com o homem. A mulher foi constituída como o Outro, considerada um objeto que possui determinada função, desvelando o caráter desumanizador de tal processo. Dessa maneira, a mulher é sempre vista pelo olhar do homem, num lugar de subordinação. Mas essa condição diz respeito ao modo de ser mulher branca, ou seja, tal categoria não é universal e não considera a condição das mulheres negras.

A partir dessa problematização, o Feminismo Negro traz reflexões importantes acerca do que “é ser mulher negra”. Para Grada Kilomba (2012), as mulheres negras ocupam nas relações sociais um vácuo, um espaço vazio, um espaço que sobrepõe à raça e ao gênero, o chamado terceiro espaço.



(...) as mulheres negras habitam um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres” (Mirza, 1997, p. 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos (Kilomba, 2012, p. 56).

Kilomba (2012) ainda complexifica essa perspectiva ao romper com a ideia de universalização das mulheres, argumentando que mulheres brancas e negras ocupam espaços diferentes na sociedade. Nessa perspectiva, as mulheres negras, por não serem brancas e nem homens negros, ocupam “o terceiro espaço” na sociedade. Espaço este, que por muitas vezes é invisibilizado. Assim, as mulheres negras ocupam um espaço onde incide pelo menos a sobreposição de duas categorias, a de gênero e raça. Nessa esteira, Kilomba ao refletir sobre as teorias feministas, vai além ao argumentar que as mulheres negras exerceriam a função “do Outro do Outro”, já que elas não se enquadram na categoria pensada pelo feminismo hegemônico e nem pelo Movimento Negro. É nessa esteira que se dá o famoso discurso “E eu não sou uma mulher?” Sojourner Truth, ex-escravizada, na Convenção dos Direitos das Mulheres, em Ohio⁶, declara

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (Ribeiro, 2017, p. 20).

bell hooks (2020) apresenta a trajetória histórica das mulheres negras nas lutas incansáveis pelos direitos de todas as mulheres, desde o início do movimento feminista no século XIX. No entanto, o feminismo hegemônico enfatizava a ideia de que as mulheres negras estavam preocupadas somente

⁶ Sojourner Truth Speeches and Commentary, acesso em 30 nov. 2016. Disponível em: <http://www.sojournertruth.org/Library/Speeches/Default.htm>. Acesso em 20/03/2023.



com a opressão racial, inviabilizando e invisibilizando a participação das mulheres negras na luta pelos direitos de todas as mulheres:

Os historiadores contemporâneos tendem a enfatizar demais o compromisso das mulheres negras do século XIX de eliminar o racismo para fazer parecer que o envolvimento delas com a luta antirracista inviabiliza a participação nas atividades voltadas para os direitos das mulheres. Um exemplo dessa tendência pode ser encontrado na obra de June Sochen Herstory, em que ela debate a organização das mulheres brancas no capítulo intitulado “The Womans Movement” [O Movimento das Mulheres], mas debate a organização das mulheres negras no capítulo intitulado “Old Problems: Black Americans” [Problemas antigos: estadunidenses negras], uma categorização que deixa implícita a ideia de que as organizações de mulheres negras surgiram como parte do esforço geral das mulheres negras para acabar com o racismo, não a partir delas em movimentos de mulheres (Hooks, 2020, p. 255).

Em sua análise, hooks (2020) evidencia a participação das mulheres negras na luta pelos direitos do movimento de mulheres. Porém, as mulheres negras perceberam que não poderiam depender de mulheres brancas racistas para reivindicar os seus direitos. Ao perceberem o racismo dentro do movimento feminista, ativistas negras, como Josephine St. Pierre Ruffin, começaram a organizar reuniões e intimaram às mulheres negras a pautarem as suas próprias reivindicações. Em 1895, em Boston, na Primeira Conferência Nacional de Mulheres Negras, Ruffin declarou:

Os motivos que temos para debater essas ideias são tão óbvios que poderia parecer desnecessário enumerá-los, ainda assim, não há mais do que obrigação nossa de fazer uma séria avaliação. Em primeiro lugar, precisamos sentir a alegria e a inspiração de nosso encontro, precisamos conquistar coragem e a vida nova que resultam dessa mistura de almas agradáveis, aquelas trabalhando pelos mesmos fins. Em seguida, precisamos falar não somente sobre as coisas que são de vital importância para nós, mulheres, mas também sobre as coisas que são de especial interesse para nós, mulheres negras, a educação de nossas crianças, a liberdade para nossos meninos e nossas meninas, de que maneira eles e elas, o que podem fazer principalmente em relação à educação moral da raça com a qual nos identificamos, nossa elevação da mente e nosso desenvolvimento físico; é necessário oferecer educação em casa a nossas crianças e prepará-las para conhecer às condições peculiares nas quais podem se encontrar; como aproveitar ao máximo nossas próprias, até certo ponto limitadas, oportunidades (hooks, 2020, p. 259).



Nesse sentido, as mulheres negras perceberam que era necessário romper com uma sociedade estruturalmente racista, com ideologia supremacista branca, num regime de Apartheid, com as leis Jim Crow, no contexto estadunidense. Assim, as mulheres negras recalcularam a rota e abriram caminhos que focavam nas opressões vividas por elas.

Em “Mulheres, Raça e Classe”, Angela Davis (1981) apresenta a situação das mulheres negras analisando as opressões capitalista, sexista e racista de forma indissociada, uma vez que ao analisá-las através de categorias isoladas, pode-se recair novamente no lugar de invisibilidade. Portanto, a análise deve ser feita de maneira a nomear as opressões afim de superá-las e de reivindicar a condição de existência. Desde meados do século XX, mulheres negras denunciavam a necessidade de romper com os silenciamentos impostos a elas.

Tal como no feminismo afro-estadunidense, as feministas negras brasileiras denunciam o apagamento, a invisibilização, o esquecimento das mulheres negras dentro do feminismo hegemônico. De acordo com Lélia Gonzalez

Exatamente porque tanto o racismo como o feminismo partem das diferenças biológicas para estabelecerem-se como ideologias de dominação. Cabe, então, a pergunta: como explica este “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, na nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade (Gonzalez, 2011, p. 13).

Compreender essa problematização da invisibilização e do silenciamento das mulheres negras na história, ajudou-nos a refletir e analisar as ausências dessas sujeitas no campo midiático. Para compreender a relação entre gênero, raça e mídia, notamos a atuação do racismo e do sexismo na naturalização das violências que recaem sobre as pessoas negras. Logo, a ausência de mulheres negras em determinados espaços de poder, na mídia, na televisão passa a ser naturalizada. Neste caso, especificamente no programa Roda Viva, a percepção da ausência de entrevistas com mulheres negras nas décadas de 1980 e 1990 nos leva a questionar e problematizar tal processo lacunar. Como diz Djamila Ribeiro: “Perceber é algo transformador” (Ribeiro, 2019, p. 32).

Em sua obra “Pequeno Manual Antirracista”, Djamila Ribeiro (2019) nos propõe mecanismos de luta e combate à produção dessas ausências. Essa autora entende que nós enquanto sujeitos/as inseridos/as em uma sociedade estruturalmente racista devemos tomar consciência do nosso lugar social. Desnaturalizando o olhar condicionado pelo racismo e a partir dessa reflexão, produzir práticas antirracistas tais como: questionar e desnaturalizar a ausência de pessoas negras nos espaços de poder. Em um país cuja população é



majoritariamente negra, a ausência de autoras(es) negras(os), artistas negras(os), intelectuais negras(os), protagonistas negras(os) no audiovisual, na mídia, na televisão, deve ser problematizada.

Diante do exposto, vamos nos deter a seguir sobre a análise do quadro histórico da participação das mulheres negras no Roda Viva, documento que fora complementado com dados dos sites “Memória Roda Viva”, TV cultura e de dados produzidos no projeto de Pesquisa O “Girar da Roda”. Via tais materiais, procuramos interpretar sobre ausências e presenças das mulheres negras entrevistadas no programa Roda Viva. Ao olharmos para história de quase 39 anos de programação, dividimos as entrevistas por décadas, notando-as em dois grandes momentos. Nas décadas de 1980 e 1990, temos o “Tempo das Ausências”. Na década de 2000, o “Tempo das Presenças”.

No quadro 1 que se segue, apresentamos as décadas de 1980 e de 1990, denominado “Tempo das Ausências”.

Quadro 1 – Décadas de 1980 e 1990

Década de 1980 – Tempo das Ausências					
nº.	Data do Programa	Personalidade Entrevistada	Ocupação da personalidade entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
Nenhuma mulher negra foi entrevistada.					
Década de 1990					
nº.	Data do Programa	Personalidade Entrevistada	Ocupação da personalidade entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
1	14.02.1994	Dona Zica, da Mangueira	Musicista/ cantora	Jorge Escosteguy	Zuza Homem de Mello Marília Trindade Barbosa Maria Luiza Kfoury Assis Ângelo Aydano André Motta J. Paulo da Silva Osvaldo Martins
2	19.11.1994	Marina Silva	Historiadora/ Política	Heródoto Barbeiro	Ronaldo Brasiliense Aurélio Michaelis Thais Oyama Rodolpho Gamberini Paulo Panayotis Joaquim de Carvalho Marco Uchôa Jefferson Coronel

Fonte: SOUZA, 2024.



Conforme o quadro 1, nas décadas de 1980 e 1990 há um completo silenciamento no que se refere à presença das mulheres negras no programa Roda Viva. Na década de 1980, nenhuma mulher negra foi convidada a estar no centro da Roda. Dentre os entrevistados nesta década, notamos que a grande maioria foi composta por homens brancos e apenas quatro homens negros foram entrevistados no programa, a saber: Grande Otelo, Gilberto Gil, Dadá Maravilha e Carlos Alberto Torres. Nesse sentido, com aqueles números em mãos, nos questionamos: onde estavam as mulheres negras? O que essas ausências significavam?

Ao analisarmos as produções do Feminismo Negro das décadas de 1980 e 1990, constatamos que as intelectuais negras já denunciavam a falta de legislações eficazes no combate ao racismo sistêmico, uma violência que, há muito, silencia as pessoas negras. Embora a luta negra seja histórica, remontando à colonização, é a partir da década de 1980 que o Feminismo Negro exerce uma pressão mais contundente sobre as instituições sociais brasileiras, com destaque para o debate da ausência das mulheres negras em espaços de poder, como o midiático.

Em se tratando do Roda Viva, na década de 1980, não há participação de nenhuma mulher negra, cenário que pouco avança na década de 1990, com apenas duas mulheres negras entrevistadas, a saber: a musicista Dona Zica da Mangureira e a historiadora e política Marina Silva. Esses dados, nos diz de lacunas tanto no que diz respeito a relação mulheres negras e áreas do conhecimento humano, quanto no que diz respeito às representações do ser mulher negra no espaço televisivo. Lembrando que Dona Zica da Mangureira era uma musicista e Marina Silva uma historiadora e política. Tantas outras áreas já ocupadas por mulheres negras não ganhavam relevo no programa, mesmo que estas ocupassem cargos de autoridade em suas áreas de conhecimento.

Diante dessa realidade, fica perceptível que há lacunas e indagações a serem problematizadas, tais como: se o programa versa sobre personalidades que sejam referências nas áreas do conhecimento humano, o que essas ausências têm a dizer sobre a participação dessas mulheres na construção desse conhecimento? Por que essas mulheres negras não estão aí representadas? Onde elas estão? Mediante tais indagações, podemos relacionar as ausências das mulheres negras no programa Roda Viva com as opressões incididas sobre essas mulheres na sociedade brasileira. Essa constatação fica ainda mais forte ao notarmos que essas ausências se mostravam também nas participações dos convidados no papel de entrevistadores/as e mediadores/as. Nas primeiras décadas do Roda Viva, o papel de entrevistador/a foi ocupado somente por homens brancos. E em relação ao papel de mediador, no total de 16 contratados até o ano de 2025, 11 foram homens brancos, 5 mulheres brancas e nenhuma



pessoa negra, seja ela homem ou mulher.

Nesse sentido, é válido ressaltar, como problematiza Gomes (2017), os silenciamentos e as invisibilizações das pessoas negras nas instituições brasileiras como a educacional e, acrescentamos a midiática, é um problema sistêmico e que deve ser enfrentado. Para tanto, essa autora formula o conceito pedagogia das ausências questionando o porquê de os corpos negros terem sido invisibilizados e reflete sobre os motivos que levaram a nossa sociedade a enxergá-los como exóticos e/ou com visões estereotipadas.

No dizer de Gomes (2017), a ausência não é mera obra do acaso. A ausência é ativamente produzida. Ela é uma ideologia. Para essa autora, é necessário realizar uma “(...) investigação que visa demonstrar que aquilo que não existe é, na realidade ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa credível ao que existe” (Gomes, 2017, p. 40). Assim, a produção da não existência, ou seja, a ausência tem por objetivo desqualificar, tornar invisível, ininteligível ou até mesmo descartar de modo irreversível, os saberes, fazeres, dizeres, sentires, neste caso em específico, a presença das mulheres negras em um programa televisivo.

Nesta seara, Grada Kilomba (2020) diz que o “princípio da ausência” consiste em “algo que existe é tornado ausente [...], e por isso, deixa de ter uma existência real” (Kilomba, 2020, p. 12). Para essa autora, o princípio da ausência é a base do racismo uma vez que a produção do conhecimento de pessoas negras, seja ele científico ou saberes outros, até mesmo a presença das pessoas negras é tornada ausente. Tal princípio torna a presença e o conhecimento das pessoas negras censurado, proibido e oculto em uma sociedade em que só leva em consideração a presença das pessoas brancas e o conhecimento eurocêntrico, ou seja, o conhecimento produzido pela branquitude. Por fim, o princípio da ausência, torna os espaços brancos e a branquitude o padrão universal.

Trazendo essa discussão para um contexto televisivo midiático, é interessante levarmos em consideração o monopólio e os interesses privados dos meios de comunicação de massa em que os discursos hegemônicos são disseminados. No dizer de Ana Garaza (2015), os meios de comunicação são espaços no qual o poder simbólico é criado e reproduzido. Em consequência, os discursos dominantes durante muito tempo têm contribuído para o silenciamento de vozes, ressaltando as desigualdades gênero e raça, conservando discursos supremacistas brancos.

Para a historiadora Rebecca Solnit (2017), o silenciamento das vozes das mulheres tem sido uma marca central na História. Para a autora, “o silêncio é o oceano do não dito, do indizível, do reprimido, do apagado, do não ouvido. Ele cerca as ilhas dispersas formadas pelos que foram autorizados a falar, pelo que



pode ser dito e pelos ouvintes” (Solnit, 2017, p. 27). Nesse aspecto, os discursos dominantes, ao excluÍrem as mulheres negras como sujeitas de sua própria história na mídia e em outros espaços institucionais, desumanizam essas mulheres. Solnit (2017) destaca ainda: “se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluÍdo da sua humanidade” (Solnit, 2017, p.28). Ainda no dizer de Solnit (2017), o silenciamento é uma condição de violência, de opressão:

Se ter voz, poder falar, ser ouvido e acreditado é essencial para ser um participante, uma pessoa com poder, um ser humano com pleno reconhecimento, então é importante reconhecer que o silêncio é a condição universal da opressão, e existem muitas espécies de silêncio e silenciados (Solnit, 2017, p. 35).

Diante disso, ao constatar a ausência de mulheres negras nos meios de comunicação, especificamente no programa Roda Viva, evidencia-se o processo de epistemicÍdio midiático, ou seja, o processo de apagamento das vozes, dos dizeres e das presenças dos povos subalternizados pelo colonialismo. Na obra “Pode o subalterno falar? ” (2010), a escritora indiana Gayatri Spivak argumenta que a estrutura capitalista, imperialista, colonialista produziu a noção de sujeito ocidental, como intelectual e produtor de conhecimento. Por outro lado, os sujeitos dos países considerados de “Terceiro Mundo” são representados como o “Outro”, o subalterno. Para combater tais construções, seria preciso buscar diferentes perspectivas epistemológicas, reconhecendo os saberes, dizeres, pensares, fazeres e as presenças silenciadas pelo colonialismo. Assim sendo, torna-se necessário questionar as relações de poder impostas pela matriz dominante, branca e europeia.

Por fim, compreendemos que diante desses apagamentos, faz-se necessário reescrever e rasurar a história oficial para acordar a “casa grande” de seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 30). Como nos ensina Moraes (2021), esse processo de apagamento deve ser compreendido como historicÍdio, já que as histórias revolucionárias e insurgentes das pessoas negras são silenciadas, invisibilizadas pela historiografia oficial. Assim, para combater o apagamento das presenças das mulheres negras na sociedade brasileira e de forma mais específica, na mídia televisiva, é necessário descolonizar as nossas mentes, nossos conhecimentos e nossos saberes.

Como destaca Rufino (2021, p.5), a descolonização significa

Atos paridos nos vazios daquilo que se arroga único curso possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgrede, desmente e destrona o modelo dominante. Folha que se canta



para extrair o remédio e o veneno. O remédio para recuperar sonhos, firmar a liga, fechar o corpo, irmanar o velho e o novo que farão guarda de proteção à palmeira que sustenta a aldeia. Veneno para azeitar o ferro, soprar pó e fumaça que quebra a maldição. Prática cotidiana implicada com a diversidade e o caráter ecológico das existências. Capacidade de responder com vida a um sistema de mortandade. Atos guerreiros que honram e comungam das aspirações de liberdade e justiça, e combatem o esquecimento.

A partir destas considerações, notamos que o pensamento decolonial⁷ é fundamental para problematizar a ideologia supremacista branca produtora das ausências. Nesse aspecto, acreditamos que as mulheres negras são sujeitas fundamentais para compreender como a colonialidade do poder, do saber e do ser continuam presentes em nossas relações sociais, culturais, econômicas, políticas, religiosas e educativas. “A colonialidade é e continua a ser presente” (Lima Costa, 2014, p. 929) na relação entre os sujeitos, na relação entre os países, na relação entre os sujeitos e países.

Porém, segundo Rufino (2018, p. 11) apesar da agenda colonial produzir a “descredibilidade de inúmeras formas de existências e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial”, a luta negra tem se efetivado pela perspectiva da ancestralidade, para qual “só há morte, quando há esquecimento”. Em direção contrária ao projeto colonial do esquecimento, as mulheres negras têm transgredido suas ausências, erguendo-se em insurgentes presenças. No programa Roda Viva, a partir da década de 2000, a presença feminina negra se fez entre frestas e cruzos. Como diria Rufino (2021, p.31), nos cruzos a morte foi dobrada, a ausência foi ressignificada, os vazios foram redimensionados e o que era escassez deve “ser transmutada em presenças”, presenças insurgentes, como veremos a seguir.

Presenças insurgentes

Notaremos, que as conquistas do Movimento e do Feminismo Negro vão provocar rasuras nas instituições, como a midiática. Assim, novos espaços televisivos começam a ser ocupados. Em se tratando do Roda Viva, a partir da década de 2000, mais especificamente, a partir de 2020, rostos, corpos, histórias, conhecimentos, produções e saberes das mulheres negras ganham mais visibilidades nesse programa.

⁷ O pensamento decolonial propõe o questionar a modernidade, a colonização, o eurocentrismo e o cientificismo.



Essas visibilidades nos dizem muito menos de um projeto da indústria cultural midiática e muito mais das lutas e resistências negras. Ao se fazerem representadas naquele espaço televisivo, as mulheres negras dizem como e porque ali chegaram. Elas chegam por suas lutas coletivas, por mais representatividades e, assim, colocam o espaço midiático também na berlinda da Roda.

Quadro 2 - Década 2000

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
1	21.08.2000	Musicista Dulce Maria Pereira	Paulo Markun	Teresa Cruvinel Fátima Pacheco Brandão Maria Amélia Rocha Lopes Norma Couri Alfredo Prado Cidinha da Silva Eduardo de Oliveira
2	02.09.2002	Cantora Elza Soares	Paulo Markun	Tarik de Souza João Pimentel Regina Porto Lia Machado Alvim Luiz Caversan Washington Olivetto Zuza Homem de Melo.
3	18.11.2002	Professora e Política Benedita da Silva	Paulo Markun	Ronaldo Brasiliense Aurélio Michaelis Thais Oyama Rodolpho Gamberini Paulo Panayotis Joaquim de Carvalho Marco Uchôa Jefferson Coronel
4	15.03.2004	Historiadora e atriz Arany Santana	Paulo Markun	Alba Zaluar Marcelo Santos Viviane Kulcznski Michael Haradom Flávia Oliveira Carlos Novaes



Cont. Quadro 2

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
5	13.03.2006	Historiadora e política Marina Silva	Paulo Markun	Roberto Villar Belmonte Beto Ricardo Vera Diegoli Liana John Marcelo Leite Sérgio Abranches
6	18.08.2008	Ativista, escritora e política Ayaan Hirsi Ali	Lilian Witte Fibe	Daniel Piza, Norma Couri, Marta Góes, Demétrio Magnoli, Luiza Moraes
7	21.09.2009	Historiadora e política Marina Silva	Heródoto Barbeiro	Denise Rothenburg Eleonora De Lucena Lourival Sant'anna Paulo Moreira Leite

Fonte: SOUZA, 2024

Quadro 3 - Década de 2010

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
1	13.06.2011	Historiadora e política Marina Silva	Marília Gabriela	Eduardo Geraque Mona Dorf Paulo Moreira Leite Augusto Nunes
2	18.02.2013	Historiadora e política Marina Silva	Augusto Nunes	Daniela Pinheiro Marina Amaral André Luiz Costa Ricardo Balthazar Ricardo Gandour
3	20.06.2016	Historiadora e política Marina Silva	Augusto Nunes	Maria Cristina Fernandes José Roberto de Toledo Leonardo Cavalcanti Carlos Graieb Daniela Lima



Cont. Quadro 3

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
4	30.04.2018	Historiadora e política Marina Silva	Ricardo Lessa	Maria Cristina Fernandes Samuel Emílio Melo Glenda Mezarobba Ricardo Arnt Leonardo Sakamoto Hélio Menezes

Fonte: SOUZA, 2024

Quadro 4: Década de 2020

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
1	09.11.2020	Escritora e professora Djamila Ribeiro	Vera Magalhães	Joice Berth Ad Júnior Cris Bartis Mafoane Odara Fernanda Diamant
2	01.02.2021	Ativista, modelo e política Erika Hilton	Vera Magalhães	Ângela Boldrini Caê Vasconcelos Helena Vieira Thiago Amparo Vitória Régia da Silva
3	22.02.2021	Cantora e compositora Teresa Cristina	Vera Magalhães	Cris Guterres Jairo Malta Roberta Martinelli Sarah Oliveira Sérgio Martins
4	08.03.2021	Atriz Taís Araújo	Vera Magalhães	Adriana Couto Cláudia Lima Cristina Padiglione Paola Deodoro Paula Mageste
5	17.05.2021	Médica, ativista e pesquisadora Jurema Werneck	Vera Magalhães	Edu Carvalho Jefferson Barbosa Paula Miraglia Semayat Oliveira Tatiana Vasconcelos



Cont. Quadro 4

nº	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
6	14.06.2021	Escritora nigeriana Chimamanda Ngozi	Vera Magalhães	Carol Pires Adriana Ferreira Silva Djamila Ribeiro Carla Akotirene Marcella Franco
7	06.09.2021	Escritora e literata Conceição Evaristo	Vera Magalhães	Ana Cristina Rosa Adriana Ferreira Silva Elisa Lucinda Pedro Henrique França Paulo Werneck
8	15.11.2021	Atriz e cantora Zezé Motta	Vera Magalhães	Taís Araújo Joyce Ribeiro Silvia Ruiz Ad Júnior Luanda Vieira
9	22.11.2021	Ministra do Estado da Igualdade Racial, professora e ativista Anielle Franco	Vera Magalhães	Cris Guterres Preto Zezé Vera Araújo Laura Ancona Jefferson Barbosa
10	14.03.2022	Jornalista Glória Maria	Vera Magalhães	Laura Ancona Cris Guterres Cláudia Lima Ísis Virgílio Cristina Padiglione
11	02.05.2022	Psicóloga e ativista Cida Bento	Vera Magalhães	Guilherme Henrique Marcela Franco Anielle Franco Daniel Bento Teixeira Pedro Borges
12	31.10.2022	Historiadora e política Marina Silva	Vera Magalhães	Afra Balazina Catia Seabra, Cristiane Agostine Rodrigo Piscitelli Sérgio Roxo
13	12.12.2022	Cantora, compositora e atriz Liniker	Vera Magalhães	Raquel Virginia Adriana Couto Livia Venaglia Pedro França Guilherme Soares Dias



Cont. Quadro 4

nº.	Data	Personalidade Entrevistada	Mediador do programa	Entrevistadores
14	17.07.2023	Literata e publicitária (de formação) Ana Maria Gonçalves	Vera Magalhães	Adriana Ferreira Silva Rinaldo Gama Rosane Borges Pedro Cesarino Paula Carvalho
15	20.11.2023	Cantora, compositora, atriz e ministra da cultura, Margareth Menezes	Vera Magalhães	Evandro Fióti Marcella Franco Joice Berth Ale Youssef Diane Lima
16	04.03.2024	Cantora, atriz e empresária Preta Gil	Vera Magalhães	Atilio Bari Joana Dale Luanda Vieira Paola Deodoro Preto Zezé
17	25.03.2024	Cantora e Compositora Alaíde Costa	Vera Magalhães	Adriana Couto Claudia Alexandre Leo Lopes Marina Lourenço
18	13.05.2024	Escritora, Psicóloga e artista Grada Kilomba	Vera Magalhães	Joice Berth Júlia Rebouças Silas Martí Tatiane de Assis

Fonte: SOUZA, 2024

A partir dos dados apresentados nos quadros acima, percebemos que nas décadas 2000, 2010 e 2020, foram convidadas para estarem no centro da Roda, 29 mulheres negras. Sendo que, cinco dessas 29 entrevistas, foram concedidas pela historiadora e política Marina Silva. A partir do ano de 2021, o número de mulheres negras entrevistadas aumentou consideravelmente. De 2020 a 2024, ou seja, em quatro anos foram entrevistadas um total de 18 mulheres negras.

Em relação à escolha das convidadas, notamos que as mulheres negras entrevistadas trazem conhecimentos diferentes daqueles acionados nas décadas de 1980 e 1990, que se resumiram à música e à política. As convidadas a partir dos anos 2000, ocupam lugares em diversas instituições da nossa sociedade e áreas do conhecimento, tais como: ciência, academia, artes, política, cultura, literatura, jornalismo, medicina, militância, entre outras. E com esses conhecimentos elas passam a rasurar o programa Roda Viva. Não podemos nos



esquecer que estar no programa Roda Viva significa conferir um lugar de certa relevância e reconhecimento da autoridade da pessoa que vai ocupar o centro da roda.

Braga (2007) destaca que “o centro da roda é um lugar difícil – mas, em princípio, é ocupado por quem está à altura” (Braga, 2007, p. 106). Autoridade que, no caso das mulheres negras, não começou via televisão, mas nos próprios passos e movimentos do “tornar-se” negras/os no Brasil, uma história que, como já pontuamos, vem de longe. Assim, personalidades através de suas muitas lutas, conquistas e dos seus coletivos foram convidadas a estarem na roda por serem representativas e reconhecidas em âmbito público naquele contexto específico.

Ao ocuparem o centro da roda, as mulheres negras trazem para aquele espaço midiático novos conhecimentos, epistemes e saberes. Saberes estes advindos do processo de luta do Movimento e Feminismo Negro. Assim, essas mulheres de alguma forma vão exigir e/ou provocar novas posturas e novos refazeres da própria mídia televisiva. O aumento do número de entrevistas também indica o processo de aprendizagem midiática. De certa forma, a televisão também terá que se refazer com a insurgência e o tensionamento provocado por essas sujeitas, mesmo que ainda venha acontecendo de forma muito tímida e lenta.

Mesmo diante do crescimento da presença de mulheres negras na mídia televisiva, notamos que essa presença, no Roda Viva, ainda é muito tímida, uma vez que o programa é transmitido semanalmente e, que ao longo de uma história de programação de quase 39 anos de história, com mais 2000 entrevistas realizadas, apenas 39 mulheres negras foram convidadas para ocuparem o centro daquela Roda. Podemos assim dizer, que o programa Roda Viva, ao longo de sua história, silenciou e/ou invisibilizou a diversidade de gênero, de classe e de raça.

Por fim, podemos destacar que estes dados por si só revelam o quanto é importante a análise científica de um produto midiático, como os produtos televisivos. Porém, mais do que os números e os significados por eles trazidos, analisar a televisão é uma forma de compreendermos também as interações da vida cotidiana ali postas e como a própria televisão participa da construção dessas disputas sociais. Assim, podemos dizer que a análise da televisão é primordial para compreendermos a conjuntura social nela presente. Para além de se configurar como um lugar de possibilidades de circulação de sentidos, ela é atravessada pelos seus públicos, os quais estão inseridos em contextos sociais específicos e que vão ao interagir com a televisão e afetá-la com os seus sentidos e projetos de mundo.

Ao chegarmos nas presenças, notamos que o protagonismo de mulheres



negras no Roda Viva levanta ainda muitas questões a serem respondidas em futuras pesquisas, a saber: se o colonialismo constituiu um modelo de estratificação social no Brasil no qual as mulheres negras foram relegadas a condições precárias de subsistência, qual a possibilidade dessas mulheres emergirem no cenário midiático no nosso país? Ao ocupar o espaço midiático, de que forma estas sujeitas transgridem os signos e estereótipos impostos a elas? Quais barreiras essas mulheres enfrentam na mídia televisiva? De que maneira a mídia tem recebido o tensionamento e o deslocamento provocados pelos saberes produzidos por essas mulheres?

Essas questões já têm sido debatidas pelas mulheres negras, como nos ensina Sueli Carneiro (2002), ainda persiste no imaginário nacional imagens e discursos ligados a ideia de que as mulheres negras ocupam lugares de menos prestígio social, com exigência de baixo grau de escolaridade como trabalho doméstico, passadeira, lavadeira, serviços gerais, funções de babá, dentre outras. Dessa forma, as mulheres negras são pensadas única e exclusivamente às tarefas ligadas ao cuidado e à limpeza.

Em “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1983), Gonzalez aponta que as mulheres negras são atravessadas por opressões múltiplas de gênero, classe e raça. Em sua análise, a autora propõe desconstruir e desnaturalizar três noções invocadas para a representação das mulheres negras: a mulata, a empregada doméstica e a mãe preta. Sendo as duas primeiras derivadas do termo mucama. No Brasil colônia, a mucama era a mulher negra escravizada responsável pelo serviço doméstico. Ela também poderia ser ama de leite e servir aos prazeres sexuais do seu senhor. Para Gonzalez (1983), neste período começa a se criar um imaginário de que a mulher negra seria para o sexo e não para o casamento. Sobre a noção invocada de mãe preta, Matilde Ribeiro (2008) apresenta

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da “mãe-preta”, fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pelas classes sociais, produzem profundas exclusões (Ribeiro, 2008, p. 988).

Em “Intelectuais Negras”, bell hooks (1995) argumenta que em um contexto racista e sexista, as mulheres negras estão presentes na consciência coletiva como àquelas que existem em nossa sociedade exclusivamente para servir aos outros. Desde a escravidão, a mulher negra tem sido associada ao signo “natural e orgânico”, de que essas sujeitas teriam uma proximidade com a natureza animalística e primitiva. Fusão entre mulher e natureza. E que devido à sua natureza selvagem e incontrolável deveriam ser governadas, submissas e



controladas. Dessa forma, nota-se que as mulheres negras foram constituídas a partir do olhar do colonizador que evidencia exclusivamente a dimensão do corpo e não ao pensar.

No dizer de hooks (1995), além de romper com as desigualdades materiais do racismo, as mulheres negras também rompem com o signo da anti-intelectualidade, ou seja, as mulheres negras, por conta do racismo, ainda não são visibilizadas como produtoras de saberes, epistemologias e conhecimentos. Portanto, para combater a tais estereótipos é preciso descolonizar nossas mentes, para enfim, transformar às opressões em reparação aos danos causados pelo epistemicídio.

Collins (2019), também compreende que sobre as afro-americanas incidem opressões específicas como raça, gênero, classe, o que chamamos de interseccionalidade. Esta autora problematiza que os signos e estereótipos foram criados e manipulados para justificar as opressões de forma naturalizada e contínua. Os estereótipos seriam, o que a autora denomina imagens de controle. As imagens de controle influenciam no comportamento das pessoas na sociedade e a forma como elas serão percebidas, principalmente pelo grupo hegemônico. Tais imagens podem incidir sobre variados grupos e pessoas. Entretanto, as mulheres negras são constantemente associadas às imagens negativas que demarcam um lugar de subalternidade na sociedade.

Nessa perspectiva, Collins apresenta cinco imagens de controle que atuam sobre as afro-americanas: a mammy, a matriarca, a da mãe que depende da assistência social do Estado, a imagem da dama negra e a jezebel/prostituta/hoochie. Dentre as imagens supracitadas, destacaremos apenas as duas primeiras, afim de compreender como essas visões estereotipadas ainda se fazem presentes em nossa sociedade.

A primeira imagem de controle, a mammy, representa “a serviçal fiel e obediente” (Collins, 2019, p. 140). No período escravocrata, as mulheres negras estavam ligadas ao serviço doméstico. Nesta sociedade patriarcal, as pessoas brancas, especialmente os homens brancos, esperavam que as mulheres negras fossem submissas e dedicadas às suas famílias. Já a segunda imagem de controle, a matriarca está ligada a dimensão das mulheres negras dentro das suas famílias. Tal imagem é negativa à medida que relega às mulheres negras a culpa de todos os problemas familiares como: a educação dos filhos, por estas mulheres trabalharem fora, os filhos não eram supervisionados e abandonados.

Embora as imagens de controle estejam atreladas às lógicas negativas, Collins (2019), desconstrói a ideia de que as afro-americanas tiveram comportamento passivo, conformado, submisso e lança um olhar sobre as formas de resistência encontrada por tais mulheres. Com o objetivo de contestar o sistema e como forma de resistência às imagens de controle, as afro-americanas



encontraram formas de existências nas encruzilhadas (Weiss, 2024) e “brechas” na música, especificamente no blues, na literatura e no relacionamento umas com as outras.

Brechas que podem ser observadas quando as mulheres negras brasileiras chegam ao Roda Viva via seus conhecimentos da literatura, da medicina, das artes, do ativismo, do jornalismo, da música, entre outras. Nesse sentido, podemos dizer que elas vêm encontrando também brechas na televisão, como notamos no debate entre ausências e presenças das mulheres negras no Roda Viva. Em se tratando das presenças, essas mulheres nos ajudam a compreender o diálogo sobre os lugares historicamente destinados às mulheres negras na sociedade brasileira e, assim, interpretar como tais sujeitas emergem, insurgem⁸ nessa estrutura social capitalista, racista e cisheteropatriarcal. Ao analisarmos o histórico de suas presenças no Roda Viva, elas nos dizem que o estar ali, é um estar de “lutas que vem de longe”. Portanto, essas mulheres fazem da escassez, presenças, ao fazer do espaço vazio televisivo insurgências, as mulheres negras aos poucos vão reagindo ao despedaçamento provocado pelas diásporas africanas, transformando os pedaços em lutas, em inteirezas.

Notamos que a partir da década de 2000, a presença de mulheres negras no programa Roda Viva, vem demonstrar como tais mulheres estão atuando em diversas áreas produzindo e compartilhando saberes negramente aprendidos com os Movimentos Negros e o Feminismo Negro. Assim, analisar “a presença de mulheres negras no programa Roda Viva” significa rasurar um espaço midiático historicamente ocupado por grupos hegemônicos. Rasurar espaços ocupados por homens brancos, que na maioria das vezes, ocupam os espaços de poder. Rasurar uma mídia televisiva, que em sua branquitude provocou ausências, mas as mulheres negras, assim como Exu, que engole as coisas de uma forma e as cospem de uma forma transformada, as mulheres negras com seu movimento exusíaco⁹ engolem as ausências provocadas pelo processo de epistemicídio do colonialismo e as regurgitam na forma de insurgentes presenças.

Essa especificidade da década de 2020, no que tange à participação das mulheres negras no Roda Viva, se deve a vários fatores, dentre eles podemos citar as conquistas protagonizadas pelo Movimento Negro a partir dos anos 2000, tais como: a promulgação da lei 10.639/2003, que alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira; em 2004, a criação do Programa Universidade

⁸ O conceito de insurgência, formulado pela intelectual afro-estadunidense bell hooks, é entendido como um processo coletivo pelo qual os sujeitos tomam consciência que são descendentes do colonialismo, afetados pelo racismo, sexismo, classismo e pelo epistemicídio (hooks, 1995)

⁹ Para Luiz Rufino (2018), o cruzo, as encruzilhadas emergem das perspectivas metodológicas assentadas na ciência encantada das macumbas.



para Todos (PROUNI); em 2012, a criação da Lei de Cotas; em 2010, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial. Em suma, percebe-se que a partir dos anos 2000, o Movimento Negro e o Feminismo Negro tensionam a área da educação, mídia, política e o próprio sistema jurídico ao trazer proposições para o enfrentamento das desigualdades raciais. Rememorando as palavras de Fernanda Carneiro (2000): “nossos passos vêm de longe”¹⁰

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, várias análises nos conduziram a assumir o desafio de realizar um estudo sobre a participação de mulheres negras no programa televisivo *Roda Viva*, colocamo-nos a interrogar o fazer televisivo em suas e para além de suas velhas narrativas e/ou perspectivas de uma história única (Adichie, 2019). Neste artigo, no esforço para responder tais questionamentos, apresentamos o impacto das presenças de mulheres negras na mídia, especificamente no programa *Roda Viva*. Notamos, que entre as ausências e as presenças se dá o protagonismo dessas mulheres negras. Presenças que em suas lutas fazem “desaforos” (Ribeiro, 2008, p. 988) e realizam contragolpes contra o colonialismo.

A emergência de novos sujeitos e movimentos sociais na disputa pela visibilidade midiática, afeta o modo de pensarmos aí as presenças e as ausências. Novos/as sujeitos/as, novas epistemologias, novos saberes, novos campos de luta vão tensionar a mídia para reivindicar o direito à fala em substituição ao direito restrito do lugar da escuta. Desse modo, percebemos o surgimento de representantes das mulheres negras ou de outros/as subalternos no espaço midiático para tensionar a luta contra o preconceito, desigualdade social, racial e estigmatizações. Assim, via mulheres negras a televisão é colocada “nessa luta” (França, 2009, p. 45), ou melhor dizendo, a televisão é tensionada por essas lutas. Dito isto, tanto a sociedade quanto os grupos sociais subalternizados ao longo do processo histórico, conscientizam-se dos mecanismos de dominação e fazem à crítica à produção de invisibilidades nos espaços midiáticos.

Por frestas, as mulheres negras realizam o enfrentamento contra à colonização, aqui a televisiva. Para combater à colonialidade das instituições brasileiras, essas sujeitas tiveram que buscar novas possibilidades de existências e (re)existências. Assim, ao se fazerem presentes no programa *Roda Viva*, as mulheres negras transgrediram a lógica dominante e reinventaram a vida nas frestas (Rufino, 2017). Em suma, ao ocuparem o espaço midiático, as mulheres

¹⁰ A frase “Nossos passos vêm de longe” é subtítulo de um livro “O livro da saúde das mulheres negras” organizado por Jurema WERNECK, Maisa MENDONÇA Evelyn WHITE.



negras confrontam, deslocam e desestabilizam a ideia de um pensamento hegemônico assentado nas bases do colonialismo. Assumindo o papel de protagonistas de suas próprias histórias e por meio de suas presenças rasuram as ausências televisivas, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Elas levam para esses espaços televisivos, vivências outras, cosmopercepções outras, epistemologias outras. E que outras sejam suas vitórias.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BRAGA, José Luiz. Roda Viva: uma encenação da Esfera Pública. In: DUARTE, E. B; CASTRO, M. L. D (org.) **Comunicação Audiovisual**: gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007 (Coleção Estudos sobre o audiovisual).

BONILLA-SILVA, E. **Racismo sem racistas**: o racismo da cegueira da cor e a persistência da desigualdade na América. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn. **O livro da saúde das mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 22 - 41.

CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 209, 2002.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

DA SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; DA SILVA, Rubens Alves. Da Ausência à Evidência: notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e Reparação Epistêmica em bibliotecas e Biblioteconomia. In: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 13, n. 1, p. 47-72, 2022.



DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 2016. São Paulo: Boitempo Editorial, 1981.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. 1ed Rio de Janeiro/RJ: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FRANÇA, Vera Veiga. A Televisão Porosa Traços e Tendências. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **A TV em Transição**: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009.

GARAZA, Ana Inés. A construção de uma contra-hegemonia no espaço televisivo. In: INTERCOM, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes Limitada, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência: Prefácio. FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LIMA COSTA, Claudia de. Feminismos descoloniais para além do humano. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 929-934, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2000.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, [s.l.], v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021.

MORAES, Wallace de. Historicídio e as necrofilias colonialistas outrocidas - uma crítica decolonial libertária. UFRJ. **Otal**, 2020. <https://otal.ifcs.ufrj.br/uma-critica-decolonial-libertaria-historicidio-e-as-necrofilias-colonialistas-outrocidas-ncos/> (acesso em 28/04/2025).

NASCIMENTO, Gabriel. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-



marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 60, p. 58-68, 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de, SZWAKO, José. **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia ed., 2009. p. 116-149.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 3 n., p. 446-457, 2008.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Mórula Editorial, 2021.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: Reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOUZA, Paula Fernanda Oliveira. **Djamila Ribeiro no Roda Viva**: Racializando a ciência na partilha de saberes. 2024. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana) – Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2024.

SOUZA, C. C. D.; SOUZA, P. F. O.; CRUZ, D. L. D. Como a Roda Gira? Presença de homens negros no Roda Viva. In: EDUCERE, 16., 2023, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Congresso Nacional de Educação, 2023. Trabalho 2185/10975. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcglclefindmkaj/https://eventum.pucpr.br/files/170835234470716d44c43-a8be-44a8-a19b-625269a7d14c>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

WEISS, Raquel; BUENO, Winnie. Pensar o mundo na encruzilhada: mulheres negras e a teoria social. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 24, p. e-45093, 2024.

Recebido em: 03/07/2024

Aceito em: 12/03/2025